

POVO KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO BAHIA

3



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

POVOS INDÍGENAS DO
RIO SÃO FRANCISCO



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo N 3 | Ano 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)

POVO INDÍGENA KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO/BA
Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Alzeni de Freitas Tomáz e Juracy Marques

PARTICIPANTES DA OFICINA

Antônio Tiburtino Pereira Irmão (Kauyry); Edeniz Pereira dos Santos (Yatanã, liderança); Luciene Angelos dos Santos; Wagner Pereira da Silva; Maicon Vinicius Santos da Silva; Yasmim Dandara Santos da Silva; Maria José dos Santos; Jailton Alves Figueredo; Washigton Tenório Silva (Pajé Jagurissá Pankararu Opará); Bianca Stefany Pereira dos Santos (Wetsamy); Rafael dos Santos Pereira (Rayony); Rhanna Nicolay dos Santos Pereira (Nauanã); Leticia Naiara dos Santos; Arthur Matheus Mendonça dos Santos; Rogério Iuri dos Santos; Aline Bezerra da Conceição; Yuri Gabriel Conceição dos Santos; Yara Gabriel Conceição dos Santos; Silvana Pereira (Jacy); Stefany Greice Cordeiro Pereira (Lacynã); Mirele Pereira Ramos (Thayonara); Maria Eduarda Pereira Ramos (Nyara); Flavia dos Santos; Fabiano Santos da Silva; Nicolas Gabriel Santos da Silva; Naedson Flavio dos Santos; José Cícero dos Santos (Uryjá); Maria Cícera Pereira dos Santos (Yetsã); Davi Eduardo Santos; José Ailton dos Santos; Helma dos Santos; Felipe dos Santos; Nicolas Gabriel Santos das Silva; Sandra Caroline dos Santos; Hélia Cristina dos Santos; Ellen Vitória Santos; Kauane Santos; Lucivaldo dos Santos (Porã); José Francisco dos Santos (Pajé Kaitité); Gedalva Santos da Silva (Thokaná); Rilari Aparecida dos Santos (Ypyura); Jennefer Medley Santos da Silva (Jayara); Maria Gabriela Fernandes da Silva (Yanaaná); Estefany Cristina Santos (Atupy); Ana Lúcia Silva dos Santos; Francisco da Silva Santos; Alisson da Silva Santos; Geisica Silva dos Santos; Antônia Maria da Conceição (Indira); Djailton dos Santos (Kau); Raimunda Felix Pereira; Gabriel Felix Pereira dos Santos; Gabriela Felix Pereira; Cícera Maria da Conceição Pereira; Joelma Alves da Silva (Janayara); Demilson Mariano da Silva (Byratan); Jaislan Alves da Silva Alves da Silva (Yratan); Jailton Alves da Silva (Wbyrajá); Diego Alves da Silva (Mancha Kaly); Jailson dos Santos (Cacique Jaguaray Waiäpy); Gislaiane da Silva Santos (Tupinaya); Jamerson Silva Santos; Janderson Silva Santos (Jandir); Pedro Alves da Silva; Maria Josineide da Conceição (Uyara); Yan Ranael da Conceição (Enaré); Renan Mariano da Silva (Tayguara); Tarcísio Mariano da Silva (Ubiracy); Taires Maria da Conceição Silva (Raíra); Caio Kauã da Conceição Nascimento (Pery); Tainá Maria da Sil-



Figura 1: Oficina de Cartografia Social Kariri-Xokó da Bahia. (TOMÁZ, 2018)

va; João Cloves Mariano da Silva; Jhon Leno Mariano da Silva (Ybirayn); Tarcila Maria Mariano da Silva (Kauanã); Ariadne Maria da Conceição dos Santos (Tanauny); Rafaela dos Santos Pereira (Yassuira); Ariosvaldo Cardoso de Oliveira Junior; Gustavo Henrique Pereira de Oliveira; Ana Beatriz Pereira de Oliveira; José Antônio dos Santos (Wykuná); Mayana Gomes da Silva (Guruanna); Vanessa Mariano (Anahy); Izaura Maria dos Santos (Aruna); Edilson de Carvalho Alencar (Ubiracy); Fernanda Carla Monteiro de Alencar (Aracy); João Lima dos Santos (Ubiraxi); Crispim Pereira do Nascimento; Ana Paula Andreza; Pedro Andreza Santos; Wilson José da Silva Pereira; Jaíne da Silva (Kauané); João Ângelo dos Santos; Lourenço dos Santos; Manoel Marcelino dos Santos; Josefa Inácio Severo; Edjane Tenório; Inadany Lasminy Tenório dos Santos; Iwanne Thuany Tenório dos Santos; Juarez José dos Santos (Pankeoné Khoaná); Luiz Marcelino da Luz; Flavia dos Santos; Naedson Flávio dos Santos; Nicolas Gabriel dos Santos; Maria Francisco Andrade (Yakany); Jeanderson Pereira (Katucacê); Kauê Guilherme Pereira dos Santos

EQUIPE DE PESQUISA

Alzeni de Freitas Tomáz; Ana Paula Arruda; André Luiz Souza; Bruno Barbosa Heim; Ivonete Etelvina do Nascimento Santos; Juracy Marques; Nilma Carvalho Pereira; Paulo Wataru Morimitsu; Ricardo Silvio de Andrade; Sílvia Janayna Veriato; Ana Beatriz da Silva Werneck Maria; Robson Marques

FOTOS E FILMAGENS

Alzeni de Freitas Tomáz; André Luiz Souza; Ivonete Etelvina do Nascimento Santos; Rafael dos Santos Pereira; Ricardo Silvio de Andrade

MAPA

Alzeni de Freitas Tomáz; Ana Paula Arruda; André Luiz Souza; Tomás Bauer

P872 Povo Kariri-Xokó de Paulo Afonso - Bahia / Povos indígenas do Rio São Francisco – N. 01 (jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Alzeni de Freitas Tomáz; Juracy Marques.–. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-492-0

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Tomáz, Alzeni de Freitas. III. Marques, Juracy

CDU: 528.9:39

IDENTIDADE E TRADIÇÃO



Figura 2: Povo Kariri-Xocó após despejo judicial. (BAUER, 2017)

Ser Kariri-Xocó é ser guerreira, uma guerreira não perde a animação da luta. Pode perder a luta, mas não a guerra. Pra mim isso é ser Kariri. (Sandra Karolina dos Santos)

Ser Kariri-Xocó é respeitar a etnia de cada um, como também respeitar os Pankararus e os Kariri Xocó de Alagoas, essa mistura é o que nos fortalece. E o que motivou minha luta foi a descoberta da verdadeira identidade. (Yatanã, liderança)

Ser Kariri-Xocó é exercer sua cultura, ter amor e carinho pela sua cultura dado pelo Pai eterno. Ser índio, é você ter o respeito pela natureza, preservar a natureza, isso que é importante pra gente, coisas que Deus deixou pra gente, a gente preservar. (Pajé Kaitité)

Ser Kariri-Xocó é ser guerreira, ter muita experiência com tudo e respeitar principalmente a nossa religião a nossa cultura e tudo. (Anahy)

Qual é valor do convívio? Na cidade a gente se sente um pouco oprimida, uma solidão, né? E hoje em comunidade não, é diferente, porque a gente se ajuda, a gente se apoia, a

gente se une. Se tem uma guerra, a guerra é para todas, se tem uma conquista, é para todos, se tem uma alegria é compartilhada por todos. Então, hoje pra mim viver em comunidade é uma vitória, e permanecer depois de tudo que passamos juntos é uma grande vitória. (Tupinayá)

O que ficou em minha memória daqui dessa terra foi no primeiro dia, que eu vim conhecer essa área, eu descii para as cachoeiras, e que lá eu encontrei uma força positiva, uma força muito boa, uma energia muito boa, e nesse momento eu fiquei muito feliz, tive nesse momento o merecimento, fui merecido, tive merecimento de sentir essa força, energia positiva do nosso pai eterno. (Cacique Jaguaray Waiãpy)

O que não nos deixou desistir foi os nossos ancestrais, a força que lá trazia e a terra principalmente, as nossas medicinas, tudo que dava a gente condições de viver muito bem. (Anahy)

Eu quero que meus netos, meus bisnetos, viva a cultura indígena, para que eles sintam, eles entenda, que essa cultura não pode morrer ela tem que a cada dia viver naqueles mais novo que vão nascendo. (Yatsá)

Nós povos indígenas, que sempre viveu na bacia de São Francisco, nós sempre tivemos, com a nossa crença focado sobre as nossas origens, porque pega pela parte do rio do oceano, com os astros, e que está ligado com a mãe terra. (Jagurisé)

A AUTODEMARCAÇÃO

Quando nós chagamos até aqui foi assim: eu e o Pajé decidimos juntar nossas famílias que a 30 anos tava aqui espalhada me Paulo Afonso. Aqui nós somos quase tudo parente, uma parte Pankararu e outras parte Kariri Xokó de Alagoas e ainda tem gente de Jeripankó de Alagoas, Xukuru-Kariri, porque aqui é uma mistura de gente. Num ritual que nos teve eles (nossos guias), mostraram a terra que nós ia ficar. Aí eu achava que era pro lado de Alagoas, mais nós vinha cá e num via sentido, até que nossa tradição mostrou pra nós que era aqui nessas terras. Aí nós procuremos saber se tinha gente se num tinha, disseram que aqui era abandonado pelo DNER, nós passamos um tempo ainda pra saber se num tinha gente. Depois vimos que era aqui mesmo nosso lugar. (Cacique Jaguaray Waiãpy)



Figura 3: Autodemarcação do Território Kariri-Xocó da Bahia. (TOMÁZ, 2018)

Nossos ancestrais já vinha aqui a muito tempo atrás praticar os costumes e nós voltamos aqui pra dar continuidade. Ai aqui encontramos a força de nossos ancestrais e aqui ficamos, mais veio uma empresa a UZI construtora dizendo que era dela, ai teve reintegração de posse e nós ficamos na escola desativada, mais foi provado que essa UZI era só uma grileira e que aqui é mesmo o nosso lugar. Nesse caso veio a SPU que é Secretaria de Patrimônio da União e mostrou que aqui é terra da União, então, demarcou a parte que seria nossa, nós vamos continuar aqui porque foi onde nossos ancestrais mostraram que é nosso lugar. E nós somos guardiões daqui. Essas terras todas aí tem pedras pintadas, porque são terras de nossos antepassados. Nós rodamos, rodamos, por Pernambuco, Alagoas e Bahia e agora estamos aqui porque é aqui é o lugar do nosso passado, do agora e o do depois. (Cacique Jaguaray Waiãpy)



Figura 4: Pinturas rupestres de mais de 9 mil anos comprova a existência dos ancestrais. (TOMÁZ, 2017)

O TERRITÓRIO E O RIO SÃO FRANCISCO



Nós somos o rio São Francisco, se ele se acabar, nós se acaba também. Nós somos um peixe quando está fora d'água, ele não tem condições de viver, ele é que nem nós, nós sem essa terra e em nosso São Francisco aqui, nós não vai a lugar nenhum, porque essa natureza foi que Deus deixou pra gente. (Pajé Kaitité)



O Rio São Francisco representa uma paz, uma serenidade, um acolhimento, porque o rio é como uma mãe, ele não deixa faltar o alimento, ele não deixa a cultura morrer, e tem as forças também que se encontra ali dentro, que nos protege, e que nos ajuda quando a gente precisa. (Tupinayá)



O rio São Francisco representa a vida, e nós tem o dever de preservá-lo, de cuidar do Rio São Francisco.

(Cacique Jaguaray Waiãpy)



O Rio São Francisco representa a nossa casa, o lugar de onde nós saímos. (Yratan)

Eu costumo dizer que essa terra me escolheu, Kariri Xocó da Bahia me escolheu, não foi eu que escolhi, eu nunca tive desejo de morar em uma aldeia eu tinha desejo de conhecer a cultura e hoje eu não me vejo longe da minha aldeia. O índio é parte da natureza e aquelas terras, aquela cachoeira, o rio São Francisco, é como ele fosse parte de mim, da minha existência.

(Yassuira)

Figura 5: Território tradicional dos Povos Indígenas do São Francisco nas Cachoeiras de Paulo Afonso. (TOMÁZ, 2018)

A minha história é que vim de Pankararu pra apoiar os parente de Kariri Xocó aí quando eu cheguei aqui eu me senti que eu estava na família, então, a minha família hoje, é a família Kariri-Xocó. Eu me sentia bem, porque ali é um lugar eu faz parte da gente. (Janayara)



Figura 6: Croqui Kariri-Xocó da Bahia. (Etnodesenho, 2018)

Eu quando cheguei aqui foi através de um convite do Cacique que é primo do meu esposo e do Pajé que também é primo do meu esposo e a gente pegou esse convite como se fosse um presente muito especial em nossa vida, com toda garra e de coração e entramos aí juntos com o propósito de correr atrás do reconhecimento e de tudo que nos espera aí, coisas que se eu falar não vão entender, mas eu só posso dizer que sou muito feliz e é maravilhoso pra quem tem o prazer e o privilégio de poder viver essa maravilha da natureza. O território pra mim é um território que é uma marcação aonde somente esse povo escolhido é privilegiado de estar lá. (Yataná, liderança)

CONFLITOS, O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO

Não foi a gente que foi a procura da terra, a terra que nos enviou pra ela, porque nos pertence, a gente não foi invadir terra nem fazenda de seu fazendeiro nem de seu empresário não, a gente veio a procura do que era nosso, e ter espaço pra nós querer cantar e pisar um toré, a gente dentro de uma cidade, dentro de quatro paredes, como é que eu um índio vai pisar um toré? Não tem o nosso espaço, nosso espaço tá ali, naquelas terras, onde nós fomos tirados, mas o que acontece, o que é do índio só quem tira é Deus. Porque Deus? Porque quando Deus decide o dia da gente sair dessa pra outra Ele sabe, mas não vai ser o branco que vai nos tirar daquela terra não. É porque ainda não chegou o tempo certo, mas a terra é nossa. E o índio não precisa de casa pra viver feliz, o índio precisa da terra para poder trabalhar pra fazer suas culturas, permanecer na origem, é isso que nós precisamos. (Yatanã)

O território significa pra mim, uma marcação de uma nova história, uma marcação de um desejo, a marcação de uma nova geração que veio e que está por vir. (Yatanã)

A importância do território é nois plantar, exercer nossa cultura, e dá uma vida melhor para os nosso filhos, ensinar o que é a vida para nossos filhos e a cidade não sabe dá a vida para nossos filhos. O índio só se sente bem quando ele tá na terra dele, plantando, exercendo a cultura dele e ensinando pros filhos dele com é que a vida, porque a cidade não dá vida para ninguém, só ensina o que não presta aqui que era o lugar certo pra gente. (Pajé Kaitité)

A importância do território é uma vitória, de saber que ali é nosso, que a gente pode exercer uma cultura sem discriminação, sem preconceito, porque o indígena no Brasil ele é muito perseguido, ele não é compreendido, então, quando a gente fala de território fala de sangue, de luta de tradição, de batalha, de guerra, porque tudo isso, quando a gente tem o nosso território é como se tivesse um despertar, um despertamento, para coisas novas, que no entanto tavam adormecidas, então quando fala de território fala de luta de conquista, de querer sempre aprender mais e ensinar para os nossos filhos mais e mais a nossa cultura. (Tupinayá)

As nossas crianças precisam viver na cidade? Não! As nossas crianças precisam ser criadas no nosso redor. Pra quê? Porque índio tem que viver no local para poder ensinar os mais novo, porque quando eu estiver em minha idade o que eu puder fazer para orientar o meu povo, eu vou pedir a minha sobrinha, a minha neta eu vou morrendo aos poucos, mas vou deixando pra o meu permanecer. O Índio não é morrer, não é acabar, é a permanência. Por conta de quê? Da origem. A terra é que nos faz crescer, a terra é que nos faz ensinar o que a gente aprende, nós precisamos é de terra, é a nossa terra, é o nosso espaço, ali naquela terra tem tudo que índio anda a procura, o índio que é desaldeado ele não vem procurar a cidade não, ele vem procurar o espaço, e não é nós que procura, é a terra que nos envia sobre ela. (Yratanã)

Então a culpa não é do índio, a culpa é da sociedade é desses empresários que invadem as nossas áreas, é do governo que não dá estrutura, é da FUNAI que não acompanha de perto a necessidade dos povos, as lutas dos povos, só aparecem quando a mídia está por perto, mas quando a mídia esquece do povo indígena eles também esquecem. Nós sofremos com preconceito, as pessoas acham que índio é preguiçoso, não, muito pelo contrário, dê terra pro índio, o índio quer plantar, quer trabalhar, a gente sofre preconceito ainda existe pessoas que acha que os índio comem gente, a gente sofre preconceito de todos os modos possíveis, que índio é bandido, é ladrão, quando a gente sabe que os maiores ladrões estão sentados em cadeiras importantes. (Yassuira)

Nós sabemos que índio não se faz, ele nasce. Cada um que nasceu não importa se tem uma gota, uma gotinha do sangue indígena, é um indígena, e cada um tem o direito de lutar pelo seu reconhecimento. Porque se ele não se auto reconhecer, quem vai reconhecer? Então nós temos que lutar e não desistir e terra pra gente, todas tem o seu valor, mas as terras dos nossos antepassados o valor pra gente é de ouro é um diamante e quem não entende, não critique. (Yatanã, liderança)



Figura 7: Ação de despejo judicial em 2017. (TOMÁZ, 2017)

DA MINHA ALDEIA, EU ESPERO UM REINO ENCANTADO

Cheguei nesse território a convite do Cacique e do Pajé, quando eu coloquei os meus pés nessa terra eu senti uma força maior que eu, a terra era tomada por xique-xique muito espinho, muito lixo, não tinha água, não tinha energia, não tinha nenhum tipo de estrutura dessas estruturas que a gente conhece na cidade, mas eu não liguei pra isso não, eu quis ficar naquela terra, eu queria dormir lá naquele dia, eu queria ficar lá [...], meu pai disse vamos pra casa, você não trouxe nada, você está com as duas crianças, vamos embora. Eu fui embora naquele dia e voltei no outro e não sai mais. (Yassuira)

Quem lutou antes de mim foram os meus ancestrais, e as forças que existem ali, as forças que existem as margens deste rio, nesses quênios, faz parte da minha existência, faz parte de mim, é meu por herança. (Yassuira)

A nossa luta hoje, é para devolver a voz a essa existência, a nossa luta é um grito de liberdade, é um grito de territorialidade (essa palavra existe?!), é esse grito, o indígena ele olha pra terra ele olha pra natureza e ele vê vida, ele vê existência, ele vê corações pulsantes, e esse coração está em cada índio que se propõe a lutar pelo seu território, o índio que ele se propõe, que ele se dedica a lutar pelo território invadido pelos não indígenas ele não está lutando por si, ele está lutando pela sua nação. (Yassuira)

Nós estamos lutando hoje, os Kariri Xocó da Bahia, por uma nação das margens desse rio, existem tesouros pertencente a muitas etnias, Kariri Xocó, Porto Real do Colégio, Pankararus, Fulniôs e tantos outros por aqui. Pelo que nós entendemos essa bacia do rio São Francisco, ela era onde existia os grandes encontros das etnias que viviam sobre a baixa do rio São Francisco, então existe uma história muito maior do que aquilo que a gente pode imaginar. Eu sou totalmente Kariri Xocó da Bahia, cada fibra do meu corpo se dedica a essa luta. Eu não tenho medo, e não tenho arrependimento. Muita alegria por ter encontrado a mi-



Figura 8: Artesanato.
(TOMÁZ, 2018)

nha identidade, por poder dançar meu toré, por poder balançar a minha maraca, por poder realizar o sonho que foi um dia da minha avó. Por poder ter a felicidade de criar meus filhos por debaixo das tradições indígenas com o conhecimento que foi arrancado de mim e não pelo meu avô, pelos meus pais que se afastaram da aldeia, não, mas sim pela sociedade porque ela que impulsiona os povos indígenas a saírem dos seus territórios e governo que não dá estrutura pra que índio, ela possa dar uma vida digna a sua família dentro do seu território e aí o índio tem que correr, tem que fugir, buscando meios pra dar sustentabilidade, sustentação pra sua família, e acaba no meio dos brancos, afastando seus filhos das suas tradições. (Yassuira)



Figura 9: Mulheres de Kariri-Xokó, luta e resistência. (TOMÁZ, 2018)



Figura 10: Quintal Produtivo Agroecológico. (TOMÁZ, 2017)

A NATUREZA É O PONTO DO ÍNDIO



Figura 11: O rio São Francisco no reinado encantado. (TOMÁZ, 2018)

Toré Kariri Xokó da Bahia

A tipy

Erá Eran

Oh oh tipy

Oh tipy oiá mará

Hé pau oiá mará

Hei tipoiamará

Hei tipoiamará

A tipy

Erá Eran

Oh tipy oiá mará

Hei tipoiamará

Lá vem o sol (bis)

Lá vem a lua (bis)

Lá vem as estrelas (bis)

E a barra do dia (bis)

Heia, heiô

Heia, heiô

A natureza é o ponto do índio. (Uyara)

A gente quando era criança, mocinha, sempre ouvia os nossos anciões, os nossos Pajés falando que o índio tem que tá aonde lhe pertencer, porque quando você pisa em terras alheias você não é feliz, agora quando você pisa em uma terra que pertence aos indígenas você sente um arrepio tão grande que nem você mesmo consegue entender, é tão maravilhoso que é esse arrepio que chegou em nossa vida. (Yatanã, liderança)

NOSSAS LENDAS



Figura 12: Jagurissá. (TOMÁZ, 2018)

Nós temos sim as nossas lendas, falo porque o povo Pankararu, de onde eu vim e também sou do Povo Kariri Xocó, porque minha mãe é Pankararu e meu pai Kariri Xocó que é de Porto Real do Colégio e a lenda que nós temos, foi nossos ancestrais Pankararu que se encantaram aqui a milhares de anos. Os índios que viviam nessa terra, tinha seus terreiros sagrados. Eles faziam os rituais deles de tempos em tempos aqui na Cachoeira. Naquela época já existia o fumo e sempre foi usado dentro da cultura de nossos povos. Toda manhã o pai tinha o costume de acender o campião, mas, num dia, os pais não acenderam dizendo que não tinha fumo. (Jagurissá)

Porém o filho mais novo, encontrou o campiô e percebeu que tinha fumo, e mostrou para os outros irmão alegando que os pais tinham enganado eles. Eles resolveram fugir e deixar somente um irmão. Mas, o irmão não aceitou de ficar e dar a notícia aos pais de que todos tinham ido embora. Porém, o filho mais velho disse: vamos acender o campiô, se eu passar ele e sair fumaça de seus poros e o Pai Eterno permitir eu vou e você vai ficar responsável pelo Povo e deve avisar a pai e mãe”. Então, o mais velho começou a passar o Campiô, quando chegou a vez do mais novo, conseguiu ter a iluminação, e então, a fumaça saiu pelos seus poros e pelos fios de seus cabelos. Eles viram o território Pankararu e quando chegaram onde é a Cachoeira de Paulo Afonso, desceram o canyon até a água, subiram em uma pedra parecida com um diamante. (Jagurissá)

O pai e mãe ao perceber o desaparecimento dos filhos através da ciência, eles disseram: “nossos filhos estão se encantando nas pedras da Cachoeira”. Ao seguir viagem até a Cachoeira, os pais avistaram o último filho descendo, mas não deu tempo de impedir o encantamento. Daí o pai pois o pai se transformou numa árvore, por isso, os Pankararu tem a festa da tradição do Umbu e a mãe se transformou em um animal, o que levou os Pankararu a fazer a dança dos pássaros, e todos se encantaram nessa Cachoeira de Paulo Afonso, mas, aqui também tem seres de outras nações, desta cachoeira até a gruta do padre temos nossos encantamentos. (Jagurissá)

Que é lá também onde o povo Pankararu Opará que fizeram outra retomada e estão lá, então, essa é a lenda, de nosso povo e que aqui era ponto de encontro tanto de Kariri-Xocó, como de Fulniô de Pankararu, que se juntavam, como vinham outros Povos só para ouvir esses seres, esses índios que encantaram. Só não podemos relatar o nome deles, mas, essa história tem que ficar na memória de todos os índios. São os nossos encantados que nos dão força força espiritual que é até hoje. Nos dá condições da gente permanecer lutando e buscando cada vez mais dando assistência a nós, unificando e nos protegendo. Porque eu digo a vocês, se não fossem essas forças, nós também não existiríamos, nós existimos porque temos Deus primeiramente, então é essas forças que nos dá toda essa cobertura, essa é a lenda dos Pankararu, com os Kariri-Xocó, Fulniô, de outras etnias, que fazia os encontros nesses pontos aqui sagrados. (Jagurissá)



Figura 13: Criança Kariri-Xocó. (TOMÁZ, 2017)

CONTATOS

POVO KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO - BAHIA

Paulo Afonso-BA | CEP: 48.600-000

Tel.: (75) 98898.7914 (Cacique Jaguaray Waiãpy)

SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

Rua Campos Sales, 180 | Cleriston Andrade | Paulo Afonso-BA | CEP: 48603-440

Tel.: (75) 3281.0848 | E-mail: contato.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

Realização

POVO INDÍGENA KARIRI-XOCÓ DE PAULO AFONSO – BA

Apoio

SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL | Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

1 POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA – BAHIA

2 POVO TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BAHIA

3 POVO KARIRI -XOKÓ DE PAULO AFONSO – BAHIA

REALIZAÇÃO

POVO INDÍGENA KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO - BAHIA

APOIO



FORDFOUNDATION



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

PNCESA